

Ruge um tigre de papel

Muniz Sodré

Folha de S.Paulo, 11.jul.2026

Cansaço dos colombianos com a progressão da violência e do crime organizado ajuda a explicar fenômeno Espriella. Avanço internacional da ultradireita tem elementos que indicam mudança na relação de políticos com as massas

Fato patibular não é só que os colombianos tenham elegido um presidente de extrema direita, mas que [Abelardo de la Espriella](#) seja um outsider da política e da realidade do país, terceira economia sul-americana, fornecedor de dois terços da cocaína consumida no mundo. Advogado, empresário, milionário, com dupla nacionalidade (colombiana e americana), residente entre Florença e Miami, em meio a rumores de ligação com a CIA, ele atraiu multidões a seus comícios com camisa amarela da seleção, rugindo como um tigre. Citando Trump, Bukele e Milei para garantir que pode administrar o Estado como uma empresa, diz que, em seu governo, "bandido que não se submeter será abatido".

De empresa e bandidagem, "O Tigre", como se intitula, sabe muito. Defendendo com sucesso nos tribunais astros de futebol paramilitares, narcotraficantes e políticos corruptos, ele acumulou fortuna suficiente para abrir a loja "De la Espriella Style", onde comercializa marcas próprias, desde rum e vinho até camisas e lenços de seda para "defensores da pátria". Aos criminosos comuns, acena com medidas duríssimas: prisioneiros confinados em megapresídios de dez andares abaixo da terra e alimentados "a pão e água". Antes, tinha prometido "estripar a esquerda".

Venceu por um ponto de diferença. Para entender o fenômeno, é preciso considerar o cansaço dos colombianos com a progressão da violência e do crime organizado. Levaram a sério o rugido de Espriella, enquanto outros ouviam apenas miado de gato. Daí a oportuna distinção entre povo republicano e massa, numa escala de conscientização civil que pode decrescer até a estupidez terminal. Índice máximo da pior forma de iletramento, segundo [Bertolt Brecht](#): o analfabetismo político. E, no entanto, são bons, comparados à média sul-americana, os índices de leitura livresca na [Colômbia](#).

Mas não tem a ver com leitura. Há elementos no avanço internacional da ultradireita que reescrevem o mito fascista do "homem novo" na forma do outsider da política, assim como o estupor estático diante de líderes carismáticos por admiração a personagens com discursos esdrúxulos. Não mais ritos de união mística do chefe com a multidão nem dramatizações simbólicas de unidade nacional por meio da liderança. O mote direitista de regeneração da política não resiste à degeneração de caráter dos militantes.

A nova massa se reconhece na videogenia de aplicativos como [Instagram](#) e [TikTok](#), adequada a caricatos fac-símiles humanos tipo [Trump](#), [Milei](#), [Bukele](#), [Bolsonaro](#). Um reencena Nero como imperador do mundo; outro é cantor de rock, assessorado por cachorros mortos; outro, presidente de presídios, após acordos secretos com as facções; aquele outro, já encarcerado, era bufão do golpismo permanente. Na Colômbia, um showman no papel de tigre.

Para desgraça dos tempos, eles são caricaturas vivas do poder de Estado. Paus-mandados das plutocracias, do patriarcado branco, das tecnoburocracias e do Pentágono, são ventríloquos do neoliberalismo, novo tipo de religião política. Obtêm, entretanto, a atenção paradoxal de suas vítimas: gente comum, as massas. Esse, o calcanhar de Aquiles da democracia.

Sociólogo, professor emérito da UFRJ, autor, entre outras obras, de “Pensar Nagô” e “Fascismo da Cor”